

## ADOLESCÊNCIA E TOXICOMANIA: PARADIGMAS DA MODERNIDADE

Luiz Alberto Tavares

*"Escolher uma vida, escolher um emprego, escolher uma carreira, uma família. Escolher uma televisão grande, máquina de lavar, carros, toca discos, abridor de lata elétrico. Escolher saúde, colesterol baixo, seguro dentário. Escolher prestações fixas para pagar. Escolher uma casa Escolher amigos. Escolher roupas e acessórios. Escolher um terno feito do melhor tecido. Se masturbar domingo de manhã pensando na vida. Sentar no sofá e ficar vendo televisão. Comer um monte de porcarias... acabar apodrecendo no final. Escolher uma família e se envergonhar dos filhos egoístas, que pôs no mundo para substituí-lo. Escolhe um futuro, escolher uma vida. Por que eu iria querer isso? Preferi não ter uma vida. Preferi ter outra coisa. E motivos... Não há motivos. Para que motivos, se tem heroína?"*

Fala do personagem Renton no filme *Trainspotting*.

### 1. ARTIFICIALIDADE DE UM CONCEITO

Na contemporaneidade, constatamos que o adolescente - circunscrito por fenômenos de consumo que oferecem, sob variadas formas, múltiplos objetos de gozo - encontra dificuldades cada vez maiores de se localizar na sociedade pela ausência de recursos simbólicos que propiciariam a passagem da infância à idade adulta.

As sociedades primitivas não possuem ou não possuíam uma equivalência do que concebemos como adolescência, isto é, essa lenta aquisição do estatuto de adulto. Os primitivos não pareciam conhecer as "dificuldades e tensões" do que tem sido caracterizado como adolescência nos dias atuais.

Um livro publicado na França intitulado "L'adolescence n'existe pas", de P. Heurre, I.M. e M.P. Reymond (1990) mostra, sob várias vertentes, de que modo delineou-se progressivamente a noção de adolescência,

conceito totalmente maleável, artificialmente criado e variável segundo o grau de necessidades do tempo. Revelam os autores que a palavra adolescência aparece na língua latina como produto de uma lenta evolução da raiz indoeuropéia "al" cujo significado é nutrir, vindo essa raiz dar origem a três tipos de famílias semânticas: "alere", que significa crescer; "altus", que remete a acabar de crescer, e por fim "ol" (variante de al), que alude a prole (conjunto de filhos), adolescer (crescer), cujo particípio presente é *adulescens*, (crescendo) e o particípio passado adultos, (que acabou de crescer).

Mas o que é *adulescens* para os latinos? O substantivo masculino ou feminino designa um ser, durante um período de vida que se estende em torno de treze anos: dos dezessete aos trinta, algumas vezes mais. Na realidade do fenômeno lingüístico, portanto o emprego da palavra adolescente é raro.

Alguns séculos vão se passar onde *adulescens* será um lapso de tempo que se situa em torno dos quinze anos, seguindo os passos da noção de crescimento. Crescer em músculos, em idade, até tornar-se um cidadão responsável, e isso dentro de certas condições rituais.

Na Idade Média não se conhece nenhum rigor para a designação das diferentes idades da vida. *Infans, puer, adolescens, juvenis, juvenculus*, tudo parece se misturar para designar aquilo que se opõe ao mundo do *adultus*. Entre 1865 e 1880 a palavra se instala definitiva nos dicionários europeus como uma faixa etária entre 14 e 25 anos.

Nesse corte transversal da evolução das palavras adolescente e adolescência vemos que estas existem desde a antiguidade, mas se confundem com variadas definições e grupos de idade.

Se colocarmos em paralelo a evolução da família da palavra adolescência com aquela da palavra puberdade, constata-se que a primeira evidencia não aparece nem como classe de idade, nem como um período particular do desenvolvimento humano. De um lado, a criança, do outro, o adulto

portando a "criança" dentro dele. Entre os dois a puberdade.

Trilhando o caminho da psicanálise chega-se a Ernest Jones em seu artigo "Alguns problemas da adolescência" de 1922, onde o termo adolescência substitui o de puberdade. Ao mesmo tempo, Bernfeld, em Viena, descreve um modo específico de desenvolvimento entre o adolescente homem que ele nomeia "prolongado" e que vai além da duração normal da adolescência e que ganhou depois a marca de "adolescência prolongada".

Os analistas dos anos vinte tomam essa noção precariamente criada pelos seus contemporâneos e parecem transformá-la em um dado preliminar e explicativo. Nessa época a psicanálise se interessa por tudo que é inquietante e incômodo, como o problema dos jovens delinquentes, respondendo à pressão social da época. Ana Freud vai publicar em 1936 "O ego e o id na puberdade" e "Ansiedade instintual durante a puberdade" fazendo uma junção entre a puberdade freudiana e a adolescência.

Diante da intensidade da demanda social e da nova perturbação do adulto, certos psicanalistas se sentiram no dever de produzir discursos, técnicas e atos que colariam ao fenômeno como o fez Ana Freud e outros analistas situados dentro da perspectiva da psicologia do ego.

Com o passar do tempo a adolescência passou a ser um traço localizado nos diversos campos da cultura, a partir do qual um grupo de uma faixa de idade específica encontra uma possibilidade de se identificar. O que se promoveu foi o estabelecimento de uma categoria delimitada sendo que, na atualidade, cada vez mais cedo os jovens tendem a se identificar a essa marca, a esse novo significante. Não foi sem espanto que ouvi de uma mãe de uma criança de nove anos que esta deveria dedicar mais tempo ao filho, pois agora ele já estava entrando na adolescência. Uma nova categoria passa também a ganhar *corpo*: o pré-adolescente.

A adolescência constitui-se um momento de passagem em que o sujeito abandona determinadas identificações com os pais para seguir na sua viagem singular. Essa passagem marcada pelo imaginário, e nem sempre muito tranqüila, é determinada pelas ferramentas simbólicas com que cada um vai se posicionar diante do real de um gozo absolutamente estranho para o sujeito.

Uma questão fundamental que a adolescência nos coloca é a de como o sujeito vai aí se posicionar, já que o simbólico não mais possibilita ao jovem dar conta inteiramente desse real. Diante disso ou o sujeito se confronta com essa impossibilidade e avança no que é definido por alguns autores como a "operação do adolescer", ou então ele recua, evita a questão, por exemplo, pela via da inibição.

A adolescência constitui-se um momento em que o sujeito procura se situar na partilha dos sexos tentando se fazer ouvir como sujeito desejante. Quando um jovem paciente diz "eu sou adolescente" ou "eu estou na adolescência" faz-se necessário verificar caso a caso a que se refere esse novo traço identificatório.

Nos compêndios sobre a adolescência encontramos todo tipo de aproximação com tipologias, fragilidades, distúrbios ou patologias que seriam específicos dessa época. Observamos assim uma tentativa de compreensão do fenômeno, configurando-se em explicações as mais diversas que seguem uma perspectiva cronológica e universal. A clínica psicanalítica que toma o sujeito no caso a caso leva-nos a buscar, no atendimento com o adolescente, o questionamento em torno dos significantes "adolescência" e "adolescente", na medida em que cada um possa aí se identificar ou não.

A adolescência é um momento de indefinição radical. O adolescente não sabe o que fazer do sexo e não sabe qual é a melhor maneira de se nomear.

Numa conferência sobre a adolescência, em Salvador, Hugo Freda nos lembra Freud ao dizer que o ser humano para ser

diferente deve manter uma certa tensão com o pai, para ir além do pai. Freud diz para o melhor e o pior. A função da adolescência é encontrar as vias significantes que permitam ao sujeito não se tornar uma réplica da figura de identificação fundamental que é o pai. Para o adolescente, o que é mais importante é que, tendo o pai como figura fundamental de identificação possa ir além dele. Deve encontrar através do pai, a pequena diferença.

Ao dizer, "eu sou adolescente", o jovem identifica-se com o que é estabelecido pelo discurso social para ir além dele. Isso se desloca do problema simplesmente da sexualidade para a inscrição de um nome no discurso social em direção ao futuro. Nessa perspectiva devemos visar uma desmontagem desse constructo que caracteriza a adolescência, sem deixar de levar em conta o que é característico desse momento da trajetória de cada sujeito singular.

O adolescente pode se tornar um adulto, na medida em que ele escreve seu nome em algum lugar no mundo. É necessário um ponto de referência que é o pai. No fim do século XX, aponta-se sob variadas formas para o declínio da função do pai.

O adolescente hoje não mais encontra um campo mapeado de significantes para as transformações que sofre. Se por um lado isso dificulta sua trajetória, por outro o obriga a um contato mais amplo e diferenciado na cultura em que se insere.

#### **4. A ADOLESCÊNCIA, O ADOLESCENTE E A DROGA**

O uso de drogas aparece entre alguns adolescentes como uma marca inscrita nessa travessia que constitui a própria adolescência.

Para esses adolescentes, o uso de drogas permite o estabelecimento de laços sociais ensejando o sujeito numa pertença grupal, ao tempo em que este busca novos ideais, diferentes daqueles vindos dos pais, caracterizando-se essa prática naquilo que chamamos de "uso adolescente".

Um paciente de 16 anos me conta ter fumado maconha em companhia de dois outros colegas. Iriam para uma reunião de trabalho em equipe da escola. Na reunião, sente um extremo prazer e diverte-se, com os companheiros, pelo fato de os outros não terem percebido que eles haviam fumado. Maconha cúmplice, maconha que permite a inserção no grupo dos "não caretas", marcando as pequenas diferenças. Às vezes, encontramos adolescentes que nem mesmo utilizam o produto, mas trazem na camisa ou na agenda a marca emblemática da cannabis como forma de pertença.

Nesses contextos de utilização, a droga pode possibilitar uma separação do Outro parental, mas paradoxalmente, o adolescente encontra-se aí alienado às normas e regras do grupo, que se organiza muitas vezes em torno da droga, devendo deslizar singularmente na busca de significantes outros com os quais se identifique. Se para alguns jovens a adolescência constitui esse tempo de travessia onde a droga transitoriamente pode fazer laço social, para outros o que se delinea é uma recusa ou uma impossibilidade de se identificar com o enunciado "eu sou adolescente". A minha proposição é que a adolescência encontra-se aí em suspensão pelo encontro radical que se estabelece entre um sujeito e uma droga. Configura-se uma nova forma de inscrição do sujeito a partir do declínio do Nome do pai, sem, no entanto, colocar-se do lado da psicose.

Mas a que mal estar responde essa nova denominação?

É com a puberdade que se desperta a consciência de um destino do sexo. Nada de mais banal, nos parece, se não houvesse nessa consciência de si esse corpo a corpo com os outros, com o Outro.

Serge Cottet, no final do seu texto Puberdade catástrofe, vai assim se referir: *"os amores dos adolescentes, longe de serem estruturados como romances que podem fornecer a matéria imaginária, são efetivamente dramáticos. Eles verificam a*

*maldição que pesa sobre o sexo e que ilustra o combate do sujeito com seu destino anatômico".*

É na adolescência que se evidencia a descoberta da não relação sexual. A satisfação à qual o adolescente é agora autorizado, a satisfação genital é também uma satisfação parcial. Ela não assegura de modo algum uma relação com o Outro. Permite encontrar o Outro, mas que não assegura nenhum gozo total, gozo do Outro ao qual ele renunciou então definitivamente na infância.

Entretanto, o que se vê com a droga é um engajamento para reencontrar esse gozo que lhe foi prometido e que efetivamente a atividade genital não lhe dá. O sujeito recorre ao engodo da droga para aliviar esse choque produzido pelo encontro com o real, na impossibilidade para esse sujeito de traduzir simbolicamente o mal estar que se revela tanto na vertente do gozo como na vertente do amor.

Eles nos chegam à clínica com o dito: "eu sou viciado", "eu sou dependente de cocaína", "meu problema é o vício". Esses sujeitos abraçam essa nova denominação do Outro social e a fazem sua. Tal como a adolescência, a toxicomania constitui-se também como uma invenção da modernidade, corroborada pelo discurso da ciência que procura determinar a causa de todas as coisas fora do sujeito.

O jovem toxicômano atribui a essa convicção um valor, que assegura o seu lugar no mundo, sua relação com os outros. Isso se torna a essência de sua vida. Não se trata aí de uma tomada de posição na sociedade, que ele assumiria em seu nome, mas, ao contrário, ele toma o significante "toxicômano", "viciado" e se identifica brutalmente com ele, numa posição de objeto, tornando-se o sinônimo de seu Nome próprio. O sujeito se exila como sujeito da palavra. Quando nos procura, ele fala da droga, fazendo dessa causa a realidade. Fica deslocada então sua responsabilidade.

Há alguns dias sem usar droga, o jovem paciente me diz que está ansioso, com a

sensação de um vazio. O vazio é para ele a falta da droga. Diz "*É como se um pedaço do meu corpo estivesse faltando. A droga é como um alimento. Quando a gente está com fome, come e a fome passa*". Para ele a droga é uma resposta para o seu mal estar, não há divisão, e a falta coloca-se no registro da necessidade. Ele nos chega pleno de sentido, anunciando uma particular forma de gozo que prescindido do Outro.

Um paciente diz: "*A maconha com o álcool me fazem ficar na névoa, no prazer estonteante, sem enxergar nada que tem em volta de mim. Me sinto podre, na merda. Me sinto fodido mas me sinto bem. Estou alegre porque sei que a heroína chegou em São Paulo. Essa sim que é uma droga de verdade. Quando eu encontrar a heroína aí não vai me faltar mais nada*". A droga para esses jovens constitui-se o verdadeiro parceiro que permite escapar dos impasses do Outro sexual, da angústia que esse encontro suscita.

Um jovem paciente, ao falar-me dos seus encontros com as mulheres, revela-os sob a forma de conquista da menina mais bonita da festa, para depois não ficar com a conquistada. Em outros momentos, o uso da droga aparece, como sempre, antecedendo esses encontros que nunca acontecem. Quando vem a se realizar, ao final de alguma festa, a escolhida e ele próprio encontram-se embriagados, ou sob o efeito de alguma outra droga, estão iguais. Não se coloca, portanto, a questão da diferença. Esta tem para ele um caráter insuportável.

Segundo Freud, é a partir do fracasso do sintoma que a droga toma o lugar de substituto. É porque o sujeito não pode constituir um sintoma satisfatório para ele, que passa a escolher a via da consolação pela intoxicação crônica. Para finalizar, pensamos que para o adolescente está cada vez mais distante o tornar-se adulto, fica cada vez mais tardia a idade adulta. O tempo da adolescência, este no qual o sujeito busca o tempo da responsabilidade, no qual procura um nome no conjunto que

o rodeia, tem que ser pensado a partir do desenvolvimento da vida, do progresso da ciência, das variáveis que constituem o homem moderno, mas, sobretudo, a partir do sujeito em crise, não apenas a chamada "crise da adolescência" mas a crise de todo sujeito onde, segundo Lacan, a relação sexual "não para de não se escrever".

#### **REFERÊNCIAS:**

ALBERTI, S. (1995) Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

COTTET, S. (1985) "Puberdade catástrofe". In: Transcrição 4. Salvador: Fator.

DI CIACCIA, A. (1992) "A adolescência e os ensinamentos de J. Lacan" (Tradução livre) In: Crisi Adolescenziale Strutture Cliniche e Istituzioni.. Piero Feliciotti (coord.) Tolentino: Glatad Edizioni

DOR, J. (1998) "Lacan et la fonction symbolique du père à l'adolescence" In: Adolescence 1:6. Paris.

FREDA, F.H. (1992) Adolescência: Uma crise do Pai. Conferência realizada durante o Seminário: Drogas e adolescência uma crise do Pai. CETAD/UFBA. Salvador.

FREUD, A. (1976) L' enfant dans la psychanalyse. Paris: Gallimard.

FREUD, S. (1977) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

HEURRE, P.; REYMOND, M.; J.M. REYMOND. (1990) L'adolescence n'existe pas. Paris: Odile Jacob.

LACAN, J. (1991) O Seminário - Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1982) O Seminário - Livro 20: Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEVI, G. & SCHMITT, LC. (1996) História dos Jovens Vol. I : Da Antiguidade à Era Moderna e V01 n. : A Época Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras.

MALE, P. (1980) Psychoterapie de l'adolescent. Paris: Payot.

MARCELLI D. & A BRACONNIER (1983) Psychopathologie de l'adolescent. Paris: Masson

MANNONI, O. (1996) "A adolescência é analisável?" In: Mais tarde é agora! Ensaio sobre a Adolescência. Salvador: Ágalma.

MELMAN, C. et al. (1995) "Haveria uma questão particular do pai na adolescência?" In: Adolescência. Porto Alegre. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. n.11.

RASSIAL, J.J. (1990) L'adolescent et le psychanalyste. Paris: Ed. Rivage.

RUFFINO, R. (1993) "Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito"- In: Adolescência: abordagem psicanalítica. Rappaport, c.R. (Coord.). São Paulo: E.P.U.